

Os direitos sexuais constituem elemento fundamental dos direitos humanos. Incluem:

- direito a viver a sexualidade sem medo, vergonha, culpa ou outros impedimentos a sua livre expressão;
- direito a viver a sexualidade livre de violência, discriminação, coersão;
- direito a escolher o parceiro sexual sem discriminações;
- direito ao respeito pleno pela integridade corporal;
- direito de optar por ser ou não sexualmente ativa;
- direito de expressar sua sexualidade independente da reprodução;
- direito de ser livre e autônoma para expressar sua orientação sexual;
- direito à saúde sexual.

Saúde sexual:

- é a habilidade de mulheres e homens para desfrutar e expressar sua sexualidade, sem riscos de infecções sexualmente transmissíveis, gestações não desejadas, coerção, violência e discriminação;
- a saúde sexual possibilita experimentar uma vida sexual informada, agradável e segura, baseada na auto-estima, que implica uma abordagem positiva da sexualidade humana e o respeito mútuo nas relações sexuais;
- a saúde sexual valoriza a vida, as relações pessoais e a expressão da identidade própria da pessoa;
- ela é enriquecedora, inclui o prazer e estimula a determinação pessoal, a comunicação e as relações.

Os direitos reprodutivos incluem:

- direito de decidir quantos filhos quer ter;
- direito de decidir quando quer ter filhos;
- direito a ter informação e acesso aos métodos anticoncepcionais;
- direito à informação e ao acesso a serviços de qualidade durante o período gravídico-puerperal;
- direito de ter gestação e parto nas melhores condições.

Falar de sexualidade não é incentivar a atividade sexual, é contribuir para que os alunos possam refletir sobre o que já faz parte de suas preocupações (Peres *et al.*, s/d). É importante que toda escola estabeleça regras de convivência e que esclareça os limites e possibilidades de convivência. Adolescentes precisam aprender a conviver com os desejos e saber discriminar os limites do espaço público e privado. Discussões democráticas, em clima de confiança e respeito, contribuem para o desenvolvimento da auto-estima, de autonomia e da tomada de decisões sobre a própria vida. Tratar o tema sexualidade com

naturalidade (mesmo que isso seja difícil) é diferente do “vale-tudo”. É preciso tratar das normas e valores sociais, inclusive que amor não rima com dor, ou seja, tratar das situações de abusos, violências.

Para os que ainda defendem que não falar sobre sexualidade frearia os desejos e vice-versa, ou seja, que falar de sexualidade poderia “antecipar” e incentivar o ato sexual, gostaríamos de apresentar dados da Organização Mundial de Saúde sobre a avaliação do impacto de programas de orientação sexual no âmbito da prevenção de DST/Aids (Peres *et al.*, s/d). Essa avaliação concluiu que esses programas ajudam os jovens a adiar o início da atividade sexual ou a iniciá-la de forma mais responsável. Os melhores programas, segundo essa avaliação, são os que abrem espaço para a discussão e troca de experiências. E não vamos nos esquecer da educação que é veiculada pela mídia, particularmente pela TV. O que falta aos jovens, segundo essa pesquisa, são espaços para refletirem sobre as informações que recebem, sobre suas dúvidas, com pessoas mais bem informadas. Muitas vezes, é no espaço da escola que começam namoros e paqueras. Os professores e a direção da escola poderiam aproveitar essa “receptividade” dos jovens a esse assunto e tratar dele com uma postura que favorecesse essas reflexões.

A postura nos parece essencial. O que chamamos de postura? Uma atitude que envolve: abordar informações claras, objetivas e científicas; estabelecer relações entre os conteúdos que ensina e os interesses dos alunos; favorecer a capacidade de cada aluno em se responsabilizar pelos cuidados com sua saúde e bem-estar sexual; e problematizar as questões relacionadas aos temas, incluindo a discussão sobre posturas, crenças, tabus e preconceitos, jamais invadindo a intimidade do alunos e a sua própria. Encorajar os adolescentes a buscarem ajuda quando necessário e oferecê-la quando possível. Ainda nessa postura, mas também além dela, no campo do conhecimento pedagógico e de conteúdo, podemos incluir:

- disposição a estudar continuamente;
- abertura ao debate e à troca de experiências;
- abertura a se rever pessoal e profissionalmente ao longo do processo educativo;
- interesse, preocupação e respeito pelas necessidades dos alunos;
- visão dos alunos como seres integrais, pensantes e num momento histórico;
- confiança dos alunos;
- abertura de diálogo e espaço para que os alunos coloquem seus pontos de vista;
- interesse, preocupação e respeito pelas necessidades das(os) adolescentes
- habilidades para comunicar-se com simplicidade e clareza;
- conhecimentos em saúde sexual e reprodutiva;